

Fernando Molica

Lula, o homem do sistema

A pesquisa da Quaest mostra que não vai ser simples para o PT recuperar o rótulo de antissistema, tão desejado pelo presidente do partido, Edinho Silva. Nos últimos anos, não apenas no Brasil, a extrema direita conseguiu pegar para si a marca da revolta e do incorformismo, características que vinham sendo quase monopolizadas pela esquerda.

É consenso classificar a direita de conservadora e a esquerda de progressista, mas essa conceituação é frágil, derivada de posições ideológicas que nem sempre fazem sentido na vida real, no cotidiano das pessoas.

Quem votou no Lula em 2002 optou pela mudança; apesar da moderação, de ter aparado barba e ideias mais radicais, o petista representava uma virada, era contra tudo que estava lá. Quatro anos depois, a maioria dos eleitores aprovou a experiência e votou para mantê-la — tratou de conservar o que havia. Esse mesmo voto de manutenção de uma realidade seria confirmado nas duas eleições posteriores.

Ao conquistar o tetra eleitoral, o petismo deixou de representar a novidade, até mesmo conquistas sociais levadas para a sociedade, como políticas sociais inclusivas e melhoria na renda foram incorporadas ao dia a dia. Todo mundo queria mais.

A resposta, porém, foi trágica: recessão no segundo governo Dilma Rousseff, as denúncias de corrupção, a ascensão de uma direita raivosa, que, com as redes sociais, percebeu que tinha o direito de remar contra a maré. Livres da fome, muitos brasileiros não se conformaram com a vida de classe média baixa — o céu é sempre o limite.

Por mais paradoxal que possa aparecer, coube a direita canalizar a revolta dos que passaram a buscar saídas individuais, que se cansaram de propostas coletivas e redentoras. Estas passaram a ser associadas à corrupção, à incompetência dos que, incapazes de

enriquecer por seus próprios méritos, trataram de lesar o Estado. A Teologia da Prosperidade jogou a da Libertação para escanteio: era cada um por si.

Lula ganhou, por pouco, em 2022 graças, principalmente à sucessão de erros de Jair Bolsonaro. Diante do caos na condução da pandemia e do radicalismo tolerado e incentivado pelo presidente, a maioria preferiu botar o retrato do velho outra vez no mesmo lugar.

O resultado da eleição foi, principalmente, a vitória de uma expectativa conservadora, do retorno de alguém que pudesse botar alguma ordem na casa, que parasse de dar cloroquina até para as emas do Alvorada.

Ao anunciar a aposentadoria do Lulinha Paz e Amor, o presidente tenta animar a envelhecida militância, tenha reincorporar o espírito de mudança. Mas não é fácil. Tantos anos de poder fizeram com que boa parte da população passasse a ver no PT a marca de um sistema impermeável a mudanças, uma barafunda que inclui no mesmo pacote a estrelinha vermelha, a Justiça, a imprensa, a Globo, o que for.

O processo não é novo; com as devidas proporções, o nazismo e o fascismo também foram favorecidos pelo cansaço com os poderes. A pesquisa Quaest é clara ao mostrar dificuldades de Lula com jovens, com eleitores que estudaram até o ensino médio, com integrantes de famílias de renda entre dois e cinco salários mínimos.

A carteira assinada tão cortejada e desejada por gerações anteriores virou símbolo da imobiidade e do conformismo. Há uma aprovação, detectada por outras pesquisas, a programas como Bolsa Família, Farmácia Popular, Pé-de-Meia. Quase todo mundo aplaude o fim do desconto de imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil. As medidas são legais, mas acabam identificadas com a lógica do sistema que muda para conservar.

Tales Faria

Janja e samba-enredo pró-Lula no Sambódromo dividem o governo

Já se discute no Palácio do Planalto uma estratégia para a contenção dos danos que venham ser causados ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pelo samba-enredo em sua homenagem que será apresentado no desfile do Carnaval do Rio pela Acadêmicos de Niterói.

A escola de samba se apresentará no domingo, 15, na Marquês de Sapucaí, na abertura do Grupo Especial. Auxiliares de Lula temem que a apresentação seja considerada campanha antecipada e resulte numa punição da Justiça eleitoral contra a candidatura à reeleição do presidente da República.

Além disso, há risco de que a polêmica em torno do uso eleitoral do samba-enredo conte pontos contra o presidente nas pesquisas de opinião.

Também está sendo criticada dentro do governo a participação da primeira-dama, Janja Lula da Silva. Sua presença junto aos integrantes da escola, durante o desfile, reforçaria a tese de manipulação eleitoral com o samba-enredo em homenagem a Lula.

É considerado um risco o próprio fato de o presidente República assistir ao desfile no camarote da Passarela do Samba, para o qual foi convidado pelo prefeito Eduardo Paes (PSD).

Um risco não só do ponto de vista da legislação eleitoral, como também de que uma parte plateia resolva vaiar o presidente.

Os auxiliares que temem pelos estragos chegaram a sugerir que Lula faça uma manifestação pública agradecendo à Acadêmicos de Niterói, mas desmarcando a sua ida e a de Janja ao Sambódromo.

O presidente da República justificaria a ausência assim: “para evitar que os adversários misturem o Carnaval com a campanha eleitoral”.

Mas Lula não havia se convencido até esta quarta-feira, 11, de que há perigo na presença no Sambó-

dromo, ainda mais porque a primeira-dama tem se mostrado muito empolgada.

Há também auxiliares do presidente empolgados com a possibilidade de assistir ao desfile no camarote do prefeito Eduardo Paes (PSD).

Estes auxiliares argumentam que também se falou na possibilidade de vaias para ele não participar da abertura dos Jogos Pan-americanos de 2007, durante seu segundo mandato como presidente.

Lula foi vaiado, o que só gerou trocas de farpas com o então prefeito César Maia, a quem atribuiu ter armado a manifestação. Mas as vaias não resultaram em queda de popularidade.

Mas os críticos à participação dizem que, assim como as vaias no Pan teriam sido armadas por Cesar Maia, os aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) podem armar um esquema de vaias agora no Sambódromo. E a ultradireita, hoje, está muito mais barulhenta do que na época dos Jogos Pan-americanos de 2007.

Outro argumento dos defensores da participação no desfile é que a condenação por antecipação da campanha eleitoral não é uma grande problema.

Lembram que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) condenou em setembro de 2022 o então presidente Jair Bolsonaro por antecipação da campanha eleitoral. A medida foi motivada por uma ação protocolada pelo PT.

Os ministros entenderam que o candidato realizou campanha antecipada no dia 19 de abril durante discursos proferidos nos eventos de Lançamento da Marcha para Jesus e na 45ª Assembleia Geral Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, em Cuiabá. Antes dos eventos, uma motociata foi realizada na cidade.

Bolsonaro só recebeu uma multa de R\$ 5 mil. A multa foi paga, e pronto!

Leonardo Boff*

A pacificação como violência contra a paz

De forma exemplar o jornalista brasileiro Jamil Chade definiu o propósito básico do Presidente Donald Trump: “Ele não irá fazer diplomacia. Atuará com a FORÇA, tanto bélica quanto econômica e comercial. Sua construção de uma nova ordem não passa pela PAZ. Mas pela CAPITULAÇÃO do adversário”. O que estamos assistindo por palavras e atos é exatamente o que o Trump está pondo em prática: a pacificação pela força que representa a negação de toda paz.

Ele se inscreve na tradição de Thomas Hobbes(1588-1679) em sua obra o Levitã (1651): a paz é um conceito negativo, vale dizer, a ausência da guerra e o equilíbrio da intimidação entre estados e povos. Com Trump quebrou-se esse equilíbrio, usa-se a força brutal como forma de garantir a hegemonia mundial num mundo multipolar. O uso desta violência demonstra que os Estados Unidos estão em declive e já não poderão ser o senhores do mundo. Na verdade, Trump se comporta como se fôra o imperador do mundo. Arroga-se o direito de intervir em qualquer parte do planeta no sentido dos interesses norte-americanos, seja na Venezuela, seja na Groelândia ou no Panamá. Não nos devemos admirar se um dia, em seu delirante voluntarismo, decidir ocupar a Amazônia, onde estão reunidas todas as formas de vida e a fonte das principais riquezas estratégicas.

A história da violência não honra a humanidade. Albert Weber (1868-1958), irmão do famoso sociólogo Max Weber, em sua obra “O trágico e a História” de 1943 observou que dos 3.400 anos de história que com documentos podemos datar, 3.166 foram anos de guerra. Os restantes 234 não foram certamente de paz,mas de trégua e de preparação para outras guerras.

Os Estados Unidos em seus 249 anos de existência,a partir de 4 de julho de 1776, tiveram 222 anos de guerra. O país, praticamente, quase não conheceu a paz. Atualmente está metido em várias frentes, geralmente em guerras por procuração. Nos vários golpes de estado, particularmente, na América Latina, os Estados Unidos através de seus órgãos de segurança, CIA, FBI e do Departamento de Estado estão envolvidos.

Nas várias guerras do século XX, especialmente na primeira e na segunda guerra mundiais e nas demais guerras na África e na Ásia foram mortos cerca de 200 milhões de pessoas.

Max Born, prêmio Nobel de física (1954) denunciou que na guerra moderna se matam mais civis que militares. Ele exemplifica desta forma: na primeira guerra mundial morriam só 5% de civis, na segunda guerra, 50%, na guerra da Coreia e do Vietnam 85%. E dados recentes davam conta de que contra o Iraque e a ex-Iugoslávia 98% das vítimas eram civis. Numa guerra atômica, com a destruição mutua assegurada dos opoentes, pode desaparecer a vida na Terra.

Portanto, no presente momento sob o governo de Trump, uma pessoa com nítidos sinais de anomalia mental, somos confrontados com ameaças de guerra de extermínio em massa e até de dizimação de grande parte da espécie humana. A razão enlouquecida projetou o princípio

de autodestruição. Criaram-se armas químicas, biológicas, nucleares e cibernéticas que podem, por várias vezes e formas, destruir grande parte da biosfera e assim varrer da face da Terra parte ou a inteira espécie humana.

Annie Jacobsen, jornalista especializada em temas de energia nuclear e de eventuais guerras atômicas, em seu livro Guerra Nuclear, um cenário publicado na Itália em 2024 pela editora Panini, oferece os seguintes dados verdadeiramente aterradores, recolhidos do Pentágono e da Comissão de Energia Nuclear.

Nos primeiros minutos, uma explosão termonuclear queima tudo em um raio de 160 quilômetros quadrados. Quantas pessoas morreriam imediatamente? Entre um e três milhões, dependendo se a bomba explode no ar ou no chão, se chove, se o vento sopra. Mas seria apenas o começo. Os demais morreriam lentamente em consequência das doenças produzidas pela radioatividade. O céu tornado cinza, com parca luz solar, morreriam as plantas, não haveria fotossíntese e ocorreria a destruição maciça da natureza e das safras de alimentos. Os sobreviventes morreriam de fome. Existem mais de 12.300 ogivas com essa capacidade no mundo. Os EUA e a Rússia têm 3 mil prontas para lançamento

Face a esta tragédia possível, milionários e bilhardários constroem para si bunkers com todos os meios de subsistência.

Logicamente, tudo isso dura por um tempo. Depois deverão também eles subir à superfície da Terra e serem expostos aos danos mortais da guerra nuclear.

Alguns tomadores de decisões das potências militaristas e nucleares preferem correr o risco da própria morte do que renunciar ao seu poder sobre todos. Disse recentemente o sábio Edgar Morin nos seus 103 anos: “A tragédia é que a escolha não é entre a paz e a guerra; é entre uma paz que evita a próxima guerra e uma paz que a agenda”. Jeffrey Sachs, economista da Columbia que articula economia com ecologia e comparece como um dos mais pertinentes analistas da cena atual, acaba de escrever: “Estamos em uma situação muito, muito séria... pessoas estão morrendo e estamos nos aproximando de uma guerra mundial; um ataque ao Irã teria potencial devastador por ocorrer no “maior caldeirão de instabilidade do planeta” no Oriente Médio”.

O trágico destas guerras letais representa um desafio para a compreensão humana. Como pode um ser dotado de razão e de inteligência sucumbir à barbárie e aos apelos da violência e da guerra de aniquilação em massa e da própria aniquilação? Grandes nomes do pensamento filosófico e teológico ocuparam-se desta dramática questão sem que alguém encontrasse alguma razão satisfatória.

Fica a esperança que nunca morre, que a lucidez predomine sobre a estupidez do suicídio coletivo e que a opção pela vida supere a obsessão pela morte.

***Leonardo Boff escreveu Sustentabilidade e cuidado: como assegurar o futuro da vida, Editora Conhecimento Liberta,2025; Cuidar da Casa Comum: pistas para protelar o fim do mundo, Vozes 2024**